

ALFABETIZAR E LETRAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA A APRENDIZAGEM

EUGÊNIA NOGUEIRA BARROS¹; RITA DE CÁSSIA DA CONCEIÇÃO²; MARIA VERONICA OLIVEIRA SIMÃO³

¹Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAR. Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: eugeniaphb@hotmail.com

²Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFPAR. Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: ritaufpi@hotmail.com

³Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFPAR. Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: mvosimao0311@gmail.com

Introdução

A alfabetização de crianças público-alvo da Educação Especial, especialmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda é cercada por dúvidas, preconceitos e reducionismos pedagógicos. Persiste, em muitos contextos escolares, a ideia de que tais estudantes não conseguem apropriar-se do sistema de escrita alfabética de forma sistemática. Essa compreensão revela a permanência de práticas excludentes que negam a esses sujeitos o direito pleno à aprendizagem da leitura e da escrita.

Magda Soares (2016) defende que alfabetizar implica ensinar explicitamente o sistema de escrita alfabética, sem dissociá-lo das práticas sociais de leitura e escrita, articulando alfabetização e letramento de forma indissociável. Ao problematizar a “desinvenção da alfabetização”, a autora reafirma a necessidade de ensino sistemático das relações grafema-fonema, sem abandonar o trabalho com textos reais e significativos. Nessa perspectiva, alfabetizar não significa apenas expor a criança a práticas sociais de leitura, mas garantir mediações intencionais que possibilitem a compreensão do princípio alfabético.

Mantoan (2003; 2014) ao discutir a educação inclusiva, argumenta que a escola deve reorganizar-se a partir da diversidade, e não exigir que o aluno se adapte a padrões homogêneos. A inclusão, portanto, não se limita à matrícula em classe comum, mas implica garantir condições reais de aprendizagem.

No campo da neurociência, estudos como os de Dehaene (2012) indicam que a leitura envolve processos específicos de decodificação e ativação de redes neurais relacionadas à correspondência grafêmico-fonológica. Tais evidências reforçam que o ensino explícito do sistema alfabético constitui etapa indispensável para a consolidação da leitura.

Especializado (AEE), este trabalho tem como objetivo analisar de que modo o AEE contribui para os processos de alfabetização e letramento de crianças com TEA, evidenciando estratégias pedagógicas que favorecem o desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional.

Assim, esse estudo se configura como um relato de experiência, vivenciado por uma das autoras e tem por objetivo discutir sobre alfabetizar e letrar na Educação Especial a partir das contribuições do Atendimento Educacional Especializado para aprendizagem.

Metodologia

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e reflexiva, articulada à análise da prática docente desenvolvida no âmbito do Atendimento Educacional Especializado em escola pública municipal. Conforme Gil (2008), a pesquisa qualitativa permite compreender fenômenos educacionais a partir de sua complexidade e contexto, valorizando a interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas. Fundamenta-se em revisão de literatura sobre alfabetização e letramento em Magda Soares, inclusão escolar em Mantoan e contribuições da neurociência da leitura.

A investigação também dialoga com estudos recentes sobre práticas pedagógicas no contexto do autismo, que destacam a importância da sistematização do ensino e da transformação do conhecimento tácito em conhecimento explícito. De acordo com Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, seleção e análise crítica de contribuições já publicadas, possibilitando a construção de um referencial teórico consistente que sustente a análise proposta. Nesse sentido, a revisão teórica orienta a reflexão sobre a práxis desenvolvida no AEE.

A análise considera experiências pedagógicas desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado, com ênfase em intervenções estruturadas, uso de recursos visuais, organização de rotinas e ensino sistemático das correspondências fonema-grafema. Foram observadas práticas de planejamento colaborativo entre professora do AEE e professora da sala comum, elaboração de adaptações curriculares e aplicação de estratégias multisensoriais. Os dados são analisados à luz da literatura selecionada, buscando identificar convergências entre fundamentação teórica e prática pedagógica, em perspectiva interpretativa e reflexiva.

Resultados e Discussão

Os resultados indicam que crianças com TEA demonstram capacidade de apropriação do sistema de escrita alfabética quando submetidas a ensino sistemático, planejado e mediado. A utilização de recursos visuais, apoio estruturado e rotinas previsíveis favorece a atenção e a organização cognitiva, elementos frequentemente comprometidos no espectro autista.

Em consonância com Magda Soares (2011), observa-se que a alfabetização não pode ser reduzida à exposição a textos. O ensino explícito das relações grafema-fonema mostra-se fundamental para que o estudante compreenda o funcionamento do sistema de escrita. No AEE, atividades de segmentação silábica, consciência fonológica, associação som-letra e leitura compartilhada demonstram impacto significativo no avanço da leitura convencional.

A perspectiva neurocientífica reforça que a aprendizagem da leitura envolve ativação de circuitos específicos relacionados à decodificação. Quando o ensino negligencia essa dimensão, compromete-se o desenvolvimento da fluência leitora. No caso de estudantes com TEA, a sistematização e repetição estruturada das correspondências sonoras favorecem a consolidação dessas redes neurais.

Os achados também revelam que o trabalho colaborativo entre AEE e sala comum amplia as possibilidades de generalização das aprendizagens. A prática isolada reduz os efeitos das intervenções. Quando há planejamento conjunto, adaptações adequadas e alinhamento metodológico, o progresso acadêmico se intensifica.

Outro aspecto relevante refere-se ao fortalecimento da autoestima e da autonomia. À medida que a criança reconhece palavras, produz pequenas frases e participa de práticas sociais de leitura, desenvolve sentimento de pertencimento e competência. A alfabetização, nesse contexto, assume dimensão cognitiva e afetiva.

Conclusões

O Atendimento Educacional Especializado contribui de forma significativa para a alfabetização e o letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. O ensino sistemático do sistema de escrita alfabética favorece a compreensão do princípio alfabético. A mediação intencional amplia o desenvolvimento cognitivo e linguístico.

A articulação entre alfabetização e letramento fortalece a aprendizagem significativa. O trabalho colaborativo entre AEE e sala comum potencializa os resultados pedagógicos. A formação docente contínua constitui condição essencial para a consolidação da inclusão.

A alfabetização de estudantes com TEA é possível. Exige planejamento, sistematização e compromisso ético com o direito de aprender. Ademais, no contexto

educacional, faz-se necessário uma reflexão sobre como acontece a alfabetização e o letramento no Atendimento Educacional Especializado.

Palavras-chave

Educação Inclusiva; Alfabetização no TEA; Mediação Pedagógica; Sistema de Escrita Alfabética; Atendimento Educacional Especializado

Referencias

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.